



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO VI — N.º 60 — SÃO PAULO, MAIO DE 1962 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, SALA 2 — CAIXA POSTAL N.º 4 469

UMA DATA E DOIS NOMES



A morte de Catarina Eufémia, assassinada em 19 de Maio de 1954 pela Polícia Política (PIDE)

A luta dos trabalhadores da terra contra o fascismo é antiga em Portugal e o seu historial inclui interminável série de episódios em que o patriotismo e o heroísmo da classe camponesa se afirmam de modo inesquecível. Essa tradição de luta, que transforma a vida das massas rurais, especialmente no Sul do país, num combate permanente contra a espoliação dos latifundiários e as violências e crimes da PIDE e da GNR, apresenta, contudo, alguns marcos que permanecem como símbolo do inquebrantável espírito de resistência do homem da terra e da sua confiança no futuro. Entre todas essas efemérides, destaca-se, pela sua dramaticidade e significado, o massacre de Baleizão, ocorrido a 19 de Maio de 1954. Oito anos decorreram sobre a tarde fatídica, mas a recordação do que nela se passou não se desvaneceu.

As ceifas iam principiar. Catarina Eufémia era uma camponesa cujos problemas eram semelhantes aos de muitas outras. Tinha uma filha e encontrava-se em adiantado estado de gravidez. Mas tinha também uma consciência e não podia ficar indiferente aos sofrimentos e às legítimas reivindicações da classe a que pertencia. E em Baleizão — uma aldeia perdida na planura bejense — os habituais salários de miséria, anunciavam-se esse ano mais baixos ainda do que de costume. Os latifundiários — quase sempre ausentes — mantinham-se irredutíveis nas suas ofertas e, em face das reivindicações e dos protestos dos trabalhadores locais, começaram a contratar a baixo preço pessoal de fóra. Os camponeses de Baleizão aceitaram o desafio. E com eles Catarina Eufémia. Catarina Eufémia que, em dado momento, surgiu encarando a própria consciência de todos os espoliados do Alentejo em luta contra a ganância, o egoísmo e a insensibilidade dos senhores da terra. Aconteceu então o inevitável. Os lavradores responderam às reivindicações do proletariado rural de Baleizão apelando para a força, para o aparelho de repressão do regime.

Foi a 19 de Maio de 1954. Os camponeses de um lado e a Guarda Republicana do outro. Tudo se passou em poucos minutos. As foices nada podiam contra as metralhadoras. Catarina Eufémia, camponesa e mãe, avançou com a filhinha pela mão ao encontro dos pretorianos do fascismo. Grávida, era um símbolo da continuidade da vida. Mas era também da revolta de um povo.

O comandante da força — instrumento ao serviço de Salazar, dos tubarões e dos latifundiários — não hesitou. Abateu-a a tiros, friamente. Roubou-lhe a vida e extinguiu a possibilidade de vida que ela carregava no ventre. Carrajola se chama o mercenário. Tinha, ao tempo, o posto de tenente. Um nome a recordar, um nome que nenhum camponês do Alentejo, que nenhum democrata português deve esquecer. Carrajola...

Ao evocarmos a data, em homenagem ao indomável espírito de resistência das massas camponesas de Portugal, reconforta-nos a certeza de que não foi em vão que Catarina Eufémia se sacrificou. A sua recordação permanece cada vez mais viva. Seu nome transformou-se numa legenda de combate na terra alentejana. Ela é o exemplo e a imagem das mulheres e das mães do Portugal de amanhã.

Uma data: 19 de maio de 1954; dois nomes: Catarina Eufémia e ten. Carrajola.

HORIZONTES DE VITORIA

Nos últimos 6 meses, assistiu-se ao recrudescimento e endurecimento da luta do povo português contra a ditadura salazarista.

A multiplicação das lutas reivindicatórias dos trabalhadores, a resistência dos soldados à guerra colonial, os protestos dos estudantes contra as prepotências ministeriais, a luta das mulheres e de todo o povo contra a repressão e pela anistia, as grandes manifestações de rua de Novembro de 61 e Janeiro e Março de 62 contra Salazar e a ditadura, são outros tantos fatos reveladores do ascenso da luta popular pela restauração das liberdades políticas em Portugal.

Não é de hoje a luta do povo contra a ditadura, não são de hoje as grandes manifestações de massa, há entretanto, algo novo, algo que muda a face e o significado de todos os acontecimentos: A unidade e a organização como imperativos conscientes.

É ainda, para muitos duvidosa a forma que revestirá a insurreição nacional contra a ditadura. Há dificuldades em compreender como o povo "desarmado" poderá impor-se às forças repressi-

vas, dominá-las, ou neutralizá-las, e conquistar a liberdade.

Dúvidas justificadas às quais as Juntas de Ação Patriótica dão a resposta cabal: "A disposição combativa manifestada pelo povo em várias oportunidades, indica-nos o caminho seguro para a insurreição contra Salazar: mobilizar todos os portugueses para a luta, levar cada um a colaborar numa forma ou de outra nas tarefas que se colocam, formar um verdadeiro exército de todo o povo".

Concomitantemente a debilidade do salazarismo agrava-se e, com ela, aumentam também as perspectivas da luta. Apoiado exclusivamente na repressão interna e compelido externamente ao apoio dos grupos ultra-colonialistas, dificilmente poderá resistir, por muito tempo, ao ataque da Oposição.

Os horizontes clarificados já anunciam a vitória. Contra a repressão e contra a política colonial de Salazar o povo português ganhará a batalha anti-fascista e ao mesmo tempo a verdadeira independência nacional.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

O terror policial contra a democracia

Salvemos da tortura e da morte os democratas portugueses prisioneiros da policia politica de Salazar.

Desde o mês de Novembro de 1961, após a farsa eleitoral, a policia politica salazarista redobrou de violência contra o povo e os democratas portugueses.

Face à crescente luta unida e aberta de todo o povo desejoso de Paz e Democracia, o governo de Salazar responde com as maiores violências. Centenas de homens e mulheres, crianças jovens e velhos são presos. Sejam comunistas ou católicos, republicanos ou monarquistas, liberais ou socialistas, operários ou estudantes, industriais ou camponeses, comerciantes ou advogados, do norte ou sul do país, para todos Salazar reserva a mesmo sorte desde que manifestem o seu desejo de Liberdade, de Paz em Angola, ou de Anistia.

De fato, é na prisão que se encontram há já algum tempo, entre tantos outros, os líderes operários Pires Jorge e Otávio Pato, Américo de Souza e Carlos Costa, Julio Martins, Natália David e Albina Silva, militantes muito conhecidos, o Padre Costa Pio, o Capitão Varela Gomes e sua mulher, dezenas de estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto, como Viana Martins, Cantante Garcia, Georgina Azevedo da Juventude Católica, o ex-candidato à Presidência da República Dr. Arlindo Vicente, o escritor Etau Monteiro, economista Lopes Cardoso e o ex-presidente da J.O.C. portuguesa Manuel Serra.



Catarina Eufémia, cuja morte heroica evocamos na primeira página desta edição do nosso jornal, foi uma das muitas vítimas do terror policial contra a democracia. Ao incluímos sua foto nesta coluna, transportando o passado para o presente, ligamos as vítimas de ontem às de hoje como combatentes da mesma causa popular. Podem os carrascos e assassinos estar certos de que não esqueçamos seus nomes. O terror fascista está prestes a chegar ao fim e os responsáveis terão o castigo que merecem.

Até crianças de 12 anos que numa escola de Vizeu se recusaram a cantar "Angola é nossa" e que preferiram dizer "Angola era nossa" são presas durante meses.

Entretanto, Salazar não se contenta mais com a prisão dos homens públicos mais conhecidos ou de simples populares de todo o país; o regime não se satisfaz mais com a simples condenação à prisão perpétua, mascarada pelas célebres "medidas de segurança", de mais de uma centena de patriotas por ano.

Não, cada vez mais ele mata. Condena à morte, pelo assassinato, a tortura ou a ausência da mais elementar assistência, dezenas de democratas. Mata pacíficos manifestantes, como Cândido Martins jovem operário de 17 anos, assassinado em Almada em 11 de Novembro de 1961.

Mata em emboscadas os dirigentes da Oposição, como o escultor Dias Coelho, assassinado em Lisboa a 19 de Dezembro de 1961.

Bestialmente mata, pela tortura ou pela falta de assistência médica, os anti-fascistas presos.

Por cartas saídas clandestinamente e à custa de imensos perigos chega-nos um enorme grito de

alarme e angústia que sobe das masmorras salazaristas.

Aos nomes de democratas ultimamente torturados, a que fizemos referência no nosso número de Abril, outros se juntam fazendo prova do perigo crescente que correm os anti-salazaristas presos.

A PIDE que descaradamente afirma aos presos "que da prisão só sairão para a morgue", continua a torturar especialmente os seguintes democratas: Natália David, Albina da Silva, Julio Martins, Otávio Pato, Pires Jorge, Manuel Serra, Carlos Costa, Manuel Rodrigues da Silva, Américo de Souza, Arlindo Vicente, Maria Varela Gomes, Maria Angela Vidal e Maria Luisa Costa Dias.

Tal situação exige que ajude-mos, através da mobilização da opinião publica internacional, e nomeadamente da opinião publica brasileira, a luta do Povo Português contra a repressão fascista. Só ela poderá salvá-los.

A "liberdade" de expressão

LIVROS PROIBIDOS

Entre os livros recentemente apreendidos pela policia por ordem da censura figuram os seguintes: O SIGNO DA IRA, do jovem escritor angolano Orlando da Costa; TERRA MORTA, de Castro Soromenho sobre assuntos coloniais; O RELOGIO PARADO, da escritora angolana Lília da Fonseca; e a coletanea de poemas, COMUNICAÇÃO de Natália Correia.

ESCRITORES PRESOS

Noticias recentes de Lisboa dão conta das torturas sofridas pelo escritor Mario Soares na prisão. Foi submetido pelos agentes da PIDE a três interrogatórios em poucos dias. Esses interrogatórios duraram 61 horas com intervalos tão pequenos entre eles que seria mais apropriado dizer que não existiram. Atualmente o escritor Mario Soares está fazendo a greve da fome em sinal de protesto contra as violências sofridas. Como se recorda esse escritor foi preso no mês de fevereiro juntamente com o editor Leão de Castro e a esposa do advogado Piteira Santos, D. Maria Stella Piteira Santos.

Por "medidas de segurança" também estão presos pela PIDE, Franco de Sousa, autor do livro de contos AS RAIZES DERAM TRONCO e o romancista Jacinto Martins autor de CARREIRO DE GENTE. Por sua vez foram libertados o economista Augusto Sá da Costa e o escritor Stan Monteiro aos quais raspam o cabelo a zero, em sinal de desprezo.

Salazar faz refens

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste no do nosso jornal, excertos duma carta-apelo, dirigida pelo conhecido oposicionista Dr. Piteira Santos, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros do governo salazarista, Alberto Franco Nogueira, através da qual se torna evidente a aflitiva situação que se vive hoje em Portugal.

A carta refere especificamente ao caso da prisão de Maria Stella Piteira Santos, esposa do missivista, que constiue um ato inominável de represália contra a atividade oposicionista de seu marido.

"ANHEMBI"

Desde a sua fundação há 11 anos, "ANHEMBI" é a publicação brasileira que há mais longo tempo combate o salazarismo. Em todos os seus números se encontram artigos contra o fascismo de Salazar, de grande interesse e atualidade para aqueles que desejam estar a par dos processos criminosos do ditador e das crescentes lutas do povo português. Pedidos da assinatura à Redatorial "ANHEMBI" Ltda, Rua Apa, 190, sobreloja. — Telefone: 52-0607.

UMA CARTA DE PEDRO PITTA AO MINISTRO DA JUSTIÇA DE SALAZAR

Denuncia dos maus tratos infringidos ao Advogado De Melo Borges.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1962
Ordem dos Advogados
QConselho Diretivo
Of.º, 206/62

Senhor Ministro da Justiça
Excelência:

É meu dever comunicar a Vossa Excelência que em uma carta recebida hoje, da mulher do meu colega Dr. Alexandre de Melo Borges, tive conhecimento que depois da sua detenção foi manietado e espancado durante 15 horas consecutivas.

Não posso esconder a minha profunda indignação. Um advogado manietado como qualquer porcoo bandido; um prisioneiro seviciado à paulada uma covarde agressão!

Creio que Vossa Excelência me será grato por trazer ao seu conhecimento uma tal infamia que, se ignorada e deixada impune, difamaria o próprio regime.

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os meus respeitosos cumprimentos.

PEDRO PITTA
Presidente da Ordem dos Advogados

Natal do Preso Político

A semelhança do que fazemos todos os anos, enviamos ao Professor Carvalho Duarte, director do Jornal "República", as importancias correspondentes às Campanhas "Natal do Preso Político" de 1960 e 1961 que seguiram acompanhadas da carta que levamos ao conhecimento dos nossos leitores e contribuintes:

São Paulo, 9 de Abril de 1962.
Exmo. Sr.
Professor Carvalho Duarte
Digno Director do Jornal
"REPÚBLICA"
Rua da Misericórdia, 116
LISBOA

Prezado Professor
PORTUGAL DEMOCRÁTICO, órgão dos oposicionistas portugueses exilados no Brasil, vem uma vez mais, solicitar os bons officios de V. Exa. no sentido de providenciar a distribuição dos donativos recolhidos durante a Campanha do Natal, destinados aos presos políticos e suas familias.

Segundo uma tradição em que "REPÚBLICA" é pioneiro e em cumprimento do que consideramos ser a nossa primeira missão — dar apoio moral e material às vítimas da intolerancia e perseguição da ditadura — temos o prazer de informar V. Exa. que, através do Banco Frizzo S. A., desta Capital transferimos para Lisboa (Banco Espirito Santo), à ordem de V. Exa., as seguintes quantias:

Em26-3-62
Em 26-3-62 —
Cr\$ 62.000,00 = Esc. 5.000\$00
Em 5-4-62 —
Cr\$ 35.800,00 = Esc. 2.935\$00

Estas importancias correspondem às contribuições recolhidas nas Campanhas de 1960 e 1961 e só agora são remetidas por ter havido limitações à remessa de numerário para o exterior.

Muito agradecemos a fineza de nos acusar a recepção dos valores acima referidos, a fim de prestarmos contas aos nossos Leitores.

Aproveitando a oportunidade, apresentamos a V. Exa., aos colaboradores de "República" e seus Leitores as nossas mais calorosas.

SAUDAÇÕES DEMOCRÁTICAS

Em Porto Alegre

Um passo em frente pela Anistia

Como anunciavamos em nossa última edição, realizou-se em Porto Alegre, de 23 a 24 de Abril a primeira reunião da Mesa Executiva do Conselho Ibero-Americano Pró Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal.

A reunião permitiu uma ampla troca de informações sobre a situação dos presos processados e condenados políticos espanhóis e portugueses e o estudo de medidas eficazes para dar ao movimento um novo impulso e atualidade.

DELEGAÇÕES

Compareceram à reunião representantes de todos os países que constituem a Mesa Executiva.

A Argentina fez-se representar pelo Prof. Bernardo Canal Feijóo e pelo Dr. Abraham Scaletzky, respectivamente, Vice-Presidente e Secretário da Mesa Executiva do Conselho.

A delegação do Brasil era constituída pelo Deputado Federal Dr. Adão Pereira Nunes, que representava o Embaixador Alvaro Lins, Deputado Estadual Rocha Mendes Filho e General Braga Pinheiro, Presidente do Comissão Coordenadora de Porto Alegre.

O Dr. Frederico Klein, em delegação do Senador Alejandro Rios Valdivia, representou o movimento nacional chileno.

O Uruguai esteve representado pelos srs. Prof. Carlos Rama e Atabalpa del Cioppo, respectivamente, Secretário Geral e vogal da Mesa Executiva do Conselho.

Espanha e Portugal também estiveram presentes. O Sr. Antonio Guardiola, Secretário do Conselho, representava os exilados políticos espanhóis; o Sr. Augusto Aragão, em representação do Prof. Ruy Luis Gomes, compareceu à reunião para esclarecer e defender os pontos de vista dos exilados políticos portugueses.

ORDEM DOS TRABALHOS E RESOLUÇÕES

As sessões de trabalho, que se realizaram na Assembléa Legislativa Rio Grandense, foram presididas pelo General Braga Pinheiro.

O Secretário Geral, Prof. Carlos Rama, e o Sr. Antonio Guardia a apreñestaram à Mesa do Conselho um informe detalhado sobre o situação dos presos políticos espanhóis, referindo, em especial, as condições desumanas em que se encontram os presos e detidos na Cadeia de Burgos.

Augusto Aragão deu conhecimento à Mesa da onda repressiva que alastra por Portugal, referindo-se, em particular, à aflitiva situação em que se encontram alguns presos recentemente detidos, nomeadamente os líderes operários Pires Jorge, Octávio Pato, Américo de Souza, Carlos Costa Julio Martins, Natália David Albina Silva, o líder católico Manuel Serra, Capitão Varela Gomes e sua esposa, cujas vidas, salientou, estão em perigo. Propôs à Mesa o envio de uma carta-apelo ao Presidente de Portugal para que mande suspender as torturas, sejam respeitados os direitos humanos, seja concedida uma ampla anistia política.

O delegado português, depois de fazer um breve histórico da campanha que atualmente se desenvolve na Europa a favor dos presos políticos portugueses, propôs que o Conselho Ibero-Americano, através da Mesa Executiva, conclame todos os movimentos nacionais da América Latina a apoiar a realização da Conferência dos Países da Europa Ocidental Pró Anistia para os Presos e Exilados Políticos Portugueses.

Estas propostas foram aprovadas por unanimidade, tendo sido dirigidos ao Presidente Tomás e ao Secretariado da Comissão Permanente da Conferência Europeia, os documentos cujos textos publicamos no Boletim de Anistia Anexo a este número.

NOVA ETAPA DO MOVIMENTO LATINO-AMERICANO

A delegação argentina, através do Dr. Abraham Scaletzky salientou a necessidade de dar maior atualidade e di-

namismo ao movimento para que corresponda à luta crescente que portugueses e espanhóis travam pela reconquista das liberdades democráticas. Neste sentido propôs a elaboração de uma declaração de princípios, que defina a linha de acção do movimento latino-americano em prol da Anistia, da defesa dos direitos humanos e de solidariedade activa à luta pela redemocratização da Península.

Esta proposta, apoiada pelo Delegado do Chile, Dr. Frederico Klein mereceu aprovação unanime, tendo-se designado uma comissão para redigir o documento que ficou designado por "Declaração de Porto Alegre", e que publicaremos no próximo número do nosso jornal.

"BRASIL DEVE DENUNCIAR A ONU CRIMES DE FRANCO E SALAZAR"

Foi sob esta manchete que o jornal "ULTIMA HORA" de Porto Alegre noticiou a reunião da Mesa Executiva do Conselho.

Com efeito, o delegado brasileiro, Deputado Pereira Nunes, referindo-se aos atos de violencia das ditaduras peninsulares, de que é exemplo recente o assassinato do escultor português José António Dias Coelho, fato que, disse, "comoveu e indignou profundamente a opinião pública brasileira", propôs que se fizessem diligências junto do Sr. Presidente da República e Ministro das Relações Exteriores do Brasil para que a delegação brasileira nas Nações Unidas "denuncie a situação em que se encontram os presos e processados políticos portugueses e espanhóis, conclamando aquele organismo internacional a tomar as medidas pertinentes para fazer respeitar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que os governos de Salazar e Franco subscreveram, mas não cumpriram".

Havia-se alcançado o objectivo principal da reunião. A proposta do delegado brasileiro foi calorosamente aplaudida e a Mesa tomou a decisão de transferir a reunião para o Rio de Janeiro, onde os membros da Mesa Executiva procurariam avistar-se com o Sr. Presidente João Goulart e Ministro Santiago Dantas a fim de solicitar o apoio de Suas Excelências para a nobre e humanitária causa da Anistia.

O MINISTRO SANTIAGO DANTAS RECEBE A DELEGAÇÃO

Já depois da sessão de encerramento, que teve lugar em 26 de Abril, na Camara Municipal de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, em que foram ratificadas as resoluções acima referidas, uma delegação da Mesa Executiva foi recebida pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores.

A delegação entregou a Sua Excelência um Memorial sobre o movimento latino-americano e transmitiu-lhe o pedido da Mesa Executiva do Conselho para que a delegação brasileira nas Nações Unidas interceda junto daquele organismo internacional no sentido de pôr fim ao cativeiro de milhares de portugueses e espanhóis que jazem nas masmorras de Salazar e Franco.

As resoluções tomadas pela Mesa Executiva do Conselho Ibero-Americano e os contactos estabelecidos, abrem novas perspectivas à luta contra a repressão e pela Anistia em Espanha e Portugal. Ganhar para a nova etapa do movimento a ajuda e colaboração de todos os democratas, é uma tarefa inadiável.

Dias Coelho

Terminamos neste n.º do P. D., a publicação dos nomes dos democratas que assinaram o protesto contra o assassinio pela PIDE do grande democrata José Dias Coelho, cujo texto foi publicado pelo nosso jornal: Toshiriky Mori, electricista; Carlos A. Gonçalves, comerciante; Ernesto Romero, comerciante; Roberto Faria, comerciante; Helder Costa, empregado comercial; Manuel A. Boto, secretário; Manuel Antonio Mendes André, fazendeiro; Mauro Alonso, secretário; José Duarte, ferroviário; Brites da Rocha Alvares; Prof. Samuel Pessoa, Jurina Pessoa.

Delgado exorta as Forças Armadas e a Juventude

De Portugal recebemos a notícia sobre duas exortações do General Delgado às Forças Armadas e à Juventude de Portugal das quais publicamos a seguir excertos cuja importância dispensa comentários.

EXORTAÇÃO AS FORÇAS ARMADAS

Camaradas de Terra, Mar e Ar:

Depois do meu regresso de Beja, onde estive às 02,30 do dia 1 de janeiro p.m., redigi no Norte de Portugal uma exortação ao Nosso Povo. Deve estar aí, circulando, a despeito da violência da repressão. Julguei conveniente, porém, dirigir-vos diretamente algumas palavras que chegarão ao vosso conhecimento antes do dia 1.º de Maio — o do trabalhador, desse trabalhador que a ditadura desprezou e as forças armadas temem em receio de tipo infantil e, como direi adiante, incongruente.

Mais adiante:

Começo por verberar a falta de camaradagem, o comodismo, a cobardia dos camaradas que viram o ditador aplicar-me a pena infamante de separação do serviço e mais tarde a de demissão — tirando-me todo o soldo e até o montepio à família no caso de eu morrer — sem que esboçassem o mais pequeno gesto de apoio ao sacrificado pelo tirano.

Nesta cobardia coletiva e nesta falta de tato, o ditador, sem reparar no andamento do Mundo, adormece 30 anos sobre o problema colonial. De 1945 a 1960 — ano da África — 41 nações conquistaram a independência, num total à volta de centenas de milhões de habitantes e cerca de dezenas de milhões de quilómetros quadrados. Que preparação diplomática e técnica levou a efeito o Dr. Salazar para se defrontar com o grito de libertação dos povos sob domínio do branco? Nenhuma. Então, ao mesmo tempo que o Povo vive em miséria atroz, sem hospitais, nem escolas, nem seguro na velhice, atrai a Nação para as guerras coloniais, dizendo que não deve haver senão militares mortos ou vitoriosos, e prepara-se para enterrar o país em um segundo Alcazar-Quibir, imitando outro louco, como ele misógono e virgem, D. Sebastião.

Queixa-se o Dr. Salazar e queixa-se a grande maioria da Oposição — comigo à frente — de que a Juventude se está tornando comunista. Mas em vez de proceder como as democracias assisadas (que resolvem a parte económica atrativa do comunismo sem para isso se implantar um regime de força da esquerda) ele, em tipo medieval, quer resolver o caso apenas pela brutalidade da tortura ou do extermínio puro e simples. Curiosamente, fica muito admirado que tantos democratas acabem por dar a mão aos comunistas no sentido de juntarem forças para derrubar a ditadura branca que, apresentando os inconvenientes da vermelha, nem sequer oferece ao povo a certeza do emprêgo e da reforma na velhice.

O exército, lendo pela mesma cartilha, cheio de medo do povo que ele considera comunista, vai molemente apoiando o ditador pela forma mais vil da política: A INERCIA. Não repara na grande incongruência que é a de, com medo aos comunistas, cada vez fabricar mais por o Dr. Salazar estar no poder. Nem repara que usar o termo comunista em sentido pejorativo é voltar aos tempos de Pina Manique quando o franco maçon, o comunista de então, tinha de ser forçosamente um criminoso no entender da polícia de Sua Majestade D. Maria I, a louca. E não repara que S. Majestade Britânica recebe o marechal Tito ou que o general Eisenhower recebe um Krushchev. Como se Portugal, o minúsculo Portugal, mesmo com quatro genios, cada um deles o quadrado ou o cubo do Dr. Salazar, pudesse, em escamoteação de prestidigitador, meter no bolso todas a URSS, seus satélites, a Iugoslávia e a China.

E mais adiante referindo-se à cobardia da maioria dos generais criados pelo fascismo diz:

Tal como sucedeu em Beja, perante toda esta inércia ou cobardia,

perante todo este desprezo pelo Povo trabalhador que é a maior parte da Nação, está à vista que muito provavelmente se não pode dispensar a conjugação íntima para a revolta, das forças militares e das forças populares. De longe, no meio das agruras do exílio, desempregado — pois ao chegar de arriscar a vida ou a liberdade, com a ida a Portugal a firma brasileira extinguiu o lugar que eu ocupava — nem por isso me falta o ânimo para berrar aos ouvidos de cada oficial das Forças Armadas o que sinto dentro do peito. E assim, digo-vos, meus camaradas, que estais errados se supondes que podeis viver toda a vida seguros de que sem vós o povo português não pode recuperar a liberdade. Pode, como puderam outros povos, embora seja muito mais difícil. Mas se tal suceder não penseis que ireis ficar instalados nesses lugares em que, de palanque, assististes ao lóbrego espetáculo de um povo, reduzido à degradação de escravo faminto.

Ou imitais o bravo "pelotão" do capitão Varela Gomes e em maior escala, ou correis o risco de perderdes o comboio que está já em marcha, embora lenta. Ir depois apinhá-lo em corrida à estação de chegada, estação comoda, em vez de na perigosa da partida? Não. Nem é sério, nem dá bom resultado.

Não sei se as tropas da Índia chegarão a Portugal antes de 1 de maio. Se chegarem seria uma interessante oportunidade para o exército, até sem sangue, aproveitar o simbolismo do dia do trabalhador unindo dois pensamentos: O do amor do exército às classes mais sofridas e as responsabilidades a pedir ao homem que brinca com os destinos da Nação e a honra do exército como se se tratasse de elementos de segunda classe. No estado atual de decrepitude psicológica, nem é preciso estar um general presente. Hoje um coronel desembaraçado e mais dúzia de carros de combate, colocados inesperadamente em volta do palácio de São Bento, resolvem o problema nacional.

Camaradas! Tende vergonha, tende dignidade, tende valentia de machos. Vede como o pobre povo, inermé, desarmado, poucos dias depois de eu abandonar o Porto, e do meu esconderijo rumar ao Brasil, logo apareceu nas ruas, em 31 de janeiro, a gritar pela Liberdade, pela República e por o meu nome que esse povo sabe ser o de um dos raros generais que pensa e diz que o Povo Português está antes e acima das Forças Armadas.

Todos que comigo concordam na necessidade urgente de expulsar do poder o homem que nele se instalou há 33 anos e ainda se não saciou, devem procurar contactos com oficiais ou civis da Oposição. Espero que não venhais um dia justificar-vos de vossa inércia dizendo que não encontrastes quem recebesse a vossa adesão. Uni-vos — Criai comités de unidades.

Camaradas: Falo-vos com os olhos fitos nos oficiais de Aljubarrota e da Flandres que se batiam pela Liberdade — à moda das respectivas épocas. Recuando no tempo, imbuído-me do seu espírito, sentindo latejar dolorosamente a miséria do presente e ansiando pela felicidade do futuro, em tersa continência à bandeira verde-rubra e coração inundado de Fé, vos digo:

Camaradas despertai! Sede dignos! Revoltai-vos!

VIVA A PÁTRIA! VIVA A II REPÚBLICA!

General Humberto Delgado

EXORTAÇÃO A JUVENTUDE DE PORTUGAL

Eu tomei compromisso formal com o Povo Português: conseguir implantar um governo que em curto prazo lhe garanta eleições livres através das quais escolha seus legítimos representantes que, democraticamente, decidam dos destinos da Nação.

E, Homem de Honra, quero cumprir o prometido, como cumprir a promessa de que voltaria a

Portugal, não em passeio, e voltei, apesar de todas as dificuldades levantadas por quem, traidor, denunciou a revolução na imprensa do Brasil e na Europa, alertando as forças de repressão dos dois continentes peninsulares. Criou assim terríveis complicações para eu entrar em Portugal clandestinamente, e para o desencadear da revolta. O Tribunal do Povo nos julgará a todos, em dia que fazemos votos venha breve.

Uma parte de vós, os estudantes universitários, deu viril, salutar exemplo à Nação. Não calculais que isto estimulo esta ação representada ao ser posta perante classes mais responsáveis e que se mantenham inativas.

Juventude de Portugal:

Perante a vitória que alcançastes, é o momento de vos exortar a organizar núcleos de todas as classes, destinados a resistirem permanentemente à repressão e até a atacar as suas forças, antes mesmo de reabrir a grande Sublevação Nacional que de vez venha trazer o Sol às trevas em que mergulharam a Pátria.

E termina:

O lema de hoje tem de ser: ATACAR. Com ordens ou sem elas, não lhes deis repouso. Criai todos os dias novas razões. E-nos indeferente que o inimigo ceda ou reaja às vossas exigências ou violências. Se cede, mais se rebaixa; se não cede, mais vos excita.

Juventude: A hora é de atacar. Para vós apelo comovidamente, abraçando-vos peito com peito, cheio de fé na vossa cooperação para a chegada próxima do grande dia D.

Juventude:

O clarim está fazendo soar a Grande Alvorada!

De pé! Armas na mão! Atacar! Atacar! Atacar!

Gen. HUMBERTO DELGADO

A mensagem do 1.º de Maio do Gen. Delgado

RIO, 21 de Abril — Em Jantar comemorativo da sua chegada ao Brasil o General Humberto Delgado fez importantes declarações sobre a atual situação em Portugal.

Depois de agradecer, na pessoa do Embaixador Alvaro Lins, todo o apoio que o povo brasileiro lhe deu e dá à causa da libertação do povo português, por ele representado distribuiu uma declaração cujo texto é o seguinte:

1. Praticamente em todas as democracias se comemora o dia 1.º de Maio, como Dia do Trabalho. E pacificamente. No meu país e na vizinha Espanha este dia reveste o aspecto do ódio do governo e suas políticas ao Povo — constituído na sua grande maioria pelas chamadas "classes trabalhadoras". Paradoxal ou incongruente, mas assim.

2. No Brasil esta comemoração apresenta-se sob a forma digna, de tipo nacional, ao nível das tradições democráticas brasileiras, confraternizando ricos, pobres e trabalhadores de diferentes espécies, no sentido de, em maciça unidade, assegurarem o progresso social de toda a Nação. Nada disto, repito, sucede em Portugal onde trágica ditadura praticamente isolada do ponto de vista internacional, e sem qualquer apoio popular, consegue manter-se mercê da brutalidade da polícia-política e do criminoso comodismo das forças armadas. Como consequência o governo tem de falsear ou suprimir as eleições; mentir às democracias e esmagar pela violência qualquer expressão

de revolta sejam as levadas a efeito pelo povo inermé, seja a revolta de Beja há pouco ocorrida, na qual tão bem se demonstrou a unidade da oposição.

3. Do ponto de vista colonial, adormecendo trinta anos, o ditador pretende apagar o vulcão desencadeado no continente africano só através da violência. As forças armadas, em vez de imporem que se façam eleições livres, pelas quais a Nação escolha os seus legítimos representantes que, por sua vez, decidam dos destinos da Pátria, obedecem cegamente às ordens de um homem sem poder legítimo, e vai massacrar africanos.

4. A Pátria está pois doente, apunhalada pela repressão, dilacerada pela miséria, exangue pelo crime. O ditador, aliás apoiado por alguns fictícios oposicionistas, tem procurado obstar à unidade de oposição, dentro da velha regra de dividir para reinar. O símbolo de Beja e das manifestações da rua que se têm seguido devem torturá-lo, ao ver unidos no mesmo combate os homens dos mais diversos matizes, já sem receio de que lhes seja atribuído o

epíteto pejorativo que ele reserva para todos os que são contra o seu regime.

5. As agências telegráficas têm trazido ao conhecimento do mundo que o povo aclama meu nome nas manifestações, ao mesmo tempo que grita pela Liberdade e pela República. Fá-lo porque sabe que eu me recuso a distinguir portugueses de portugueses no sentido que o ditador desejaria. Fá-lo porque sabe ser eu um símbolo, uma bandeira de unidade, dessa unidade que brevemente deve poder pôr fim ao execranda despotismo que avassala Portugal.

6. No Dia do Trabalhador, o que mais sofre a prepotência do tirano, eu resolvi solicitar à imprensa do Brasil, tão generosa, que, não só transmitisse ao Povo Brasileiro a minha profunda gratidão pela hospitalidade que me concedeu, mas ainda lançasse ao Mundo e ajudasse a fazer chegar a Portugal a idéia de que a Oposição Portuguesa, em unidade, se apronta para a libertação da Pátria.

Gen. Humberto Delgado

As JAPs ao Povo Espanhol

* A mensagem que se publica abaixo foi dirigida pelas JAP à Reunião Internacional pela Libertação do Povo Espanhol, integrada nas comemorações do 25.º aniversário da guerra da Espanha, realizada em Roma a 13 e 14 do mês passado.

Em nome do Povo Português, a "Junta de Ação Patriótica" organização de unidade de todas as forças democráticas da oposição ao regime fascista de Salazar, saudamos fraternalmente o Povo Espanhol e todos os anti-fascistas aqui reunidos, pelo desejo comum de contribuir efetivamente para a eliminação da ditadura franquista.

Esta reunião tem para nós anti-fascistas portugueses um valor muito particular, pois os Povos de Espanha e Portugal se encontram submetidos a regime de opressão cujas origens e métodos são em muitos aspectos semelhantes.

Dezessete anos depois de uma guerra em que os povos livres do mundo lutaram para eliminar o fascismo, os regimes de Franco e Salazar, apesar da luta dos povos de Espanha e de Portugal, e apesar das suas antigas ligações com Hitler e Mussolini, mantêm-se ainda. Estas duas ditaduras mantêm-se no poder graças à tolerância e apoio que lhes é dado no plano internacional sob pretextos de ordem estratégica.

Esta política de colaboração e tolerância para com as ditaduras ibéricas permitiu a todos os movimentos reacionários que hoje ameaçam a Democracia na Europa, encontrar na Península Ibérica as suas bases mais sólidas. A ajuda dada aos criminosos da OAS é o exemplo mais recente e mais em evidência.

É certo que enquanto Franco e Salazar estiverem no poder a liberdade na Europa estará sempre ameaçada e a marcha para o progresso seriamente retardada.

Na Península Ibérica encontram-se também os últimos focos de colonialismo. É a política de Salazar que provocou a cruel guerra de Angola e ele ameaça desencadear novos massacres noutras regiões de África.

Os fascismos ibéricos constituem um perigo permanente para a Paz e um obstáculo à cooperação dos Povos.

Por todos estes motivos nós consideramos que, para além da amizade para com o Povo Espanhol, são razões de inteligência que reúnem aqui os representantes das forças democráticas de tantos países.

A mensagem que a Junta de Ação Patriótica traz a esta reunião é uma mensagem de solidariedade, de esperança e confiança no futuro.

Apesar do terror e da violência da repressão, a ditadura fascista de Salazar está em plena desagregação devido à luta cada vez mais ativa de vastas camadas da população portuguesa e à luta dos povos das colónias para a libertação e independência.

As manifestações no decorrer da última campanha "eleitoral", o levantamento de Beja, as poderosas manifestações do Porto contra a guerra de Angola, pela conquista das liberdades democráticas e pela anistia, as recentes greves dos estudantes de Lisboa e Coimbra, mostram que a luta tomou um dinamismo novo e tomou características que permitirão esmagar o salazarismo.

As forças democráticas portuguesas compreenderam que somente a coordenação efetiva de todas as forças da oposição e a mobilização de todo um povo podem pôr fim definitivamente ao regime fascista. As manifestações de massa que hoje se desenvolvem em Portugal são a consequência de uma política de unidade de que as Juntas de Ação Patriótica são a expressão orgânica e dinamizadora.

Nós estamos certos de que venceremos o fascismo em Portugal. Neste momento da nossa batalha pela Liberdade, nós pensamos no Povo irmão de Espanha, na sua luta heróica durante a guerra e na coragem e tenacidade com as quais se opõe e recusa o obscurantismo franquista.

As nossas vitórias são recíprocas. Nós pensamos que num dia próximo os nossos dois países viverão em regime democrático. Apelamos para este congresso para que reúna todos os esforços no sentido de prestar um auxílio eficaz à luta do Povo Espanhol.

Viva a Liberdade de Espanha!
Viva a Liberdade de Portugal!
JUNTA DE AÇÃO PATRIÓTICA

"SEARA NOVA"

E imprescindível, a leitura desta revista portuguesa, da qual cinco redatores acabam de ser presos pela PIDE, para se ter uma noção atual dos problemas que preocupam as novas gerações anti-salazaristas.

Pedido de informações e assinaturas neste jornal, pelo telefone: 37-0933.

A Comissão pro-anistia apela para o povo brasileiro através de todos os jornais do Brasil

Ao Povo Brasileiro!
Vai realizar-se em Paris a I Conferência da Europa para Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal.

Milhares de portugueses sofrem a miséria e o aviltamento das masmorras salazaristas ou foram obrigados a viver desterrados, longe da pátria. Tribunais de exceção onde não se observam as regras jurídicas universalmente reconhecidas continuam desafiando a consciência e a justiça do mundo teiro. As garantias estabelecidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos encontram-se abolidas pelas autoridades fascistas.

Como poderá viver uma nação que vê milhares dos seus filhos jazerem nos cárceres da PIDE (Policia Política Internacional e de Defesa do Estado) ou coagidos à distância do desterro? Como poderá viver uma nação a que são roubados os melhores dos seus filhos? Como poderá viver uma nação quando nas masmorras da clique fascista se encontram encerradas centenas das suas filhas — mães, irmãs, noivas de Portugal — sem um mínimo de condições de vida humana? Como poderá viver uma nação sem professores?

Católicos, comunistas, socialistas, monárquicos, liberais, todos sofrem, hoje, nas mãos da PIDE os mais cruéis vexames e os peores atentados à vida humana e social.

Poderá continuar Portugal como até agora?

Os democratas de todo o mundo clamam por:

— Anistia total para os presos políticos e sociais bem como para os exilados.

— Supressão dos Tribunais de Execução (Ple-

arios) e transferência para os tribunais comuns de todos os processos por motivos políticos e sociais.

— Vigência dos princípios dos Direitos do Homem reconhecidos pelos organismos internacionais de que Portugal participa.

O Brasil nunca faltou com o seu amparo e a sua solidariedade aos democratas portugueses!

A Conferência da Europa para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal precisa do apoio dos povos latino-americanos e do povo brasileiro em particular!

Anistia para que todos tenham oportunidade de contribuir com o seu trabalho e a sua cultura para o progresso de Portugal e da Humanidade!

Anistia que não é perdão mas justiça!

Anistia que seja um caminho de vida social!!

Anistia que devolva à Pátria aqueles que dela estão afastados!



A gravura é a reprodução da capa de NOVE POEMAS, de Carlos Maria de Araujo, lançado em Março, pela Editora Massao Ohno, de S. Paulo.

A capa e as ilustrações de NOVE POEMAS são do jovem artista Acacio Assumpção.

Há ainda, fora do comércio, uma tiragem com gravuras de Clovis Graciano.

Pedidos à Redação do PORTUGAL DEMOCRÁTICO ou à Sucursal do Rio.

Conferencia dos Países da Europa Ocidental Para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal

(EM ORGANIZAÇÃO)



Cartas de Clovis Graciano para a Conferência da Anistia em Portugal.

DELEGAÇÃO DOS PORTUGUESES EXILADOS NO BRASIL

BOLETIM N.º 11 - MAIO DE 1962

CORTE E SOBREPONHA

A Reunião de Porto Alegre

O Conselho Ibero-Americano, reunido em Porto Alegre, conforme relato que publicamos na página 2 deste jornal, aprovou os seguintes documentos:

DOCUMENTO DE APOIO À REALIZAÇÃO DA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA DOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS PORTUGUESES

A Mesa Executiva do Conselho Ibero-Americano Pró Amnistia para os Presos e Exilados Políticos, da Espanha e Portugal, reunida nos dias 23 e 24 de Abril de 1962, em Porto Alegre — Brasil, tendo tomado conhecimento da próxima realização em Paris da Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia dos Presos e Exilados Políticos Portugueses, convocada por eminentes personalidades de toda a Europa, e tendo em conta a importância que tal realização terá para os objectivos fixados ao próprio movimento Ibero-Americano, conclama os movimentos nacionais representados neste Conselho e a Opinião Pública dos respectivos países a apoiar esta iniciativa endereçando esse apoio ao Secretário da Comissão Permanente do Comité Nacional Francês, N. Daniel Vidal, Rue d'Aboukir, 77 — Paris, 2me.

Porto Alegre, 24 de Abril de 1962.

Pela MESA EXECUTIVA DO CONSELHO IBERO-AMERICANO PRO AMNISTIA PARA OS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE ESPANHA E PORTUGAL,

Pela ARGENTINA: Dr. Bernardo Canal Feijóo
Dr. Abraham Scaletzky

BRAZIL: Deputado Federal Adão Pereira Nunes — Deputado Estadual Rocha Mendes Filho — General Braga Nunes

CHILE: Dr. Federico Klein

URUGUAI: Prof. Carlos Roma — Atahualpa del Cioppo

ESPAÑA: António Guardiola

PORTUGAL: Augusto Aragão

CARTA DIRIGIDA AO Presidente AMERICO TOMAS Palácio de Belem LISBOA — PORTUGAL

Excelencia:

Tendo tomado conhecimento da situação aflitiva em que se encontram centenas de prisioneiros políticos em Portugal, mantidos em completo isolamento e impedidos de qualquer contacto com os seus familiares;

Conhecedores das torturas que a PIDE inflige aos presos a pretexto de lhes arrancar confissões nomeadamente do desumano tratamento que está sendo dado a alguns patriotas recentemente presos, como por exemplo Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, Américo de Souza, Carlos Costa, Julio Martins, Natália David, Albina Silva, Manuel Serra, Capitão Varela Gomes e sua esposa;

Temendo seriamente pela vida de dezenas de presos políticos, cuja saúde já abalada por longos anos de prisão dificilmente lhes permitirá resistir às torturas inomináveis a que são submetidos, como acontece com Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes, Maria Angela Vidal, Dra. Maria Luisa da Costa Dias e tantos outros;

Em nome da Opinião pública dos países Ibero-Americanos e dos sentimentos de solidariedade humana que animam os povos dos mesmos países, dirigem por este meio o mais veemente apelo a V. Exa. para que mande suspender as torturas, sejam respeitados os direitos humanos em Portugal e seja concedida uma ampla anistia política, única medida capaz de restituir a paz ao Povo Português.

Pela MESA EXECUTIVA DO CONSELHO IBERO-AMERICANO PRO AMNISTIA PARA OS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE ESPANHA E PORTUGAL

ass) Pela Argentina: PROF. BERNARDO CANAL FEIJÓO — Vice-Presidente — Reitor da Universidade de Buenos Aires,

DR. ABRAHAM SCALETZKY — Secretario.

Brasil: Deputado Federal ADÃO PEREIRA NUNES

Chile: DR. FEDERICO KLEIN — Vogal, Advogado

Uruguai: Dr. Atahualpa Cioppo — Vogal, Director Teatral

Espanha: António Guardiola — Secretario

Portugal: Augusto Aragão — Vogal

CONFERENCIA DE PARIS

As comissões nacionais reúnem

Os trabalhos preparatórios da Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos presos e Exilados Políticos Portugueses têm prosseguido ativamente. Em Paris realizou-se, no dia 17 de março, um encontro das Comissões Nacionais de vários países europeus: França, Itália, Bélgica e Inglaterra. Os participantes, na troca de impressões havidas, verificaram que o apelo para a convocação da Conferência encontrou grande receptividade nos respectivos países e decidiram coordenar esforços para que a repercussão da iniciativa seja o mais ampla possível, de modo a servir internacionalmente o objetivo visado.

As várias Comissões Nacionais para a Anistia decidiram também proceder a um permanente intercambio de informações sobre as suas atividades. Os países da Europa Ocidental que não estiveram representados no referido encontro serão visitados a fim de neles serem criadas Comissões semelhantes. Foi ainda constituído um secretariado internacional provisório para coordenar a atividade dos Comissões Nacionais com vista à preparação da Conferência. A sua sede é em Paris, Rua Aboukir 77 (2eme).

Novas adesões à Conferencia de Paris

CHILE
Pablo NERUDA — Escritor e Poeta
Rafael ALBERTI — Escritor e Poeta
URUGUAY
Luis Hierro GAMBARDELA — Deputado e Presidente da Comissão Uruguai Pro-Anistia

German D'ELIA — Deputado Socialista
Enrique RODRIGUEZ — Deputado Comunista
MARIA J. Y. DE ORTIZ SARALEGUI — Escritora
Carlos M. RAMA — Professor Universitário
Daniel D. VIDART — Professor Universitário
Atahualpa DEL CIOPPO — Escritor e Diretor Teatral
Alberto CADEAU — Ator Teatral
Ulisses SPALLA — Contador
David M. FERNANDEZ — Estudante
J. Garcia GREU — Estudante
Antonio GUARDIOLA — Dirigente antifranquista espanhol
Venancio LOZOYA — Dirigente antifranquista espanhol
A. GARCIA — Dirigente antifranquista espanhol

ARGENTINA

Eduardo ROSENKRANTS — Deputado Nacional

ITALIA

Enzo Enrique AGNOLETTI — Escritor
Enrico EMANUELLI — Escritor e Jornalista
Giansiro FERRATA — Escritor
Gilberto FINZI — Escritor
Alberto MONDADORI — Poeta e Editor
Roberto SANESI — Escritor
Vittorio SERENI — Poeta
Elio VITTORINI — Escritor

Ultimos asilados na embaixada do Brasil

Dois anti-salazaristas pediram asilo à Embaixada do Brasil em Lisboa, elevando assim para dezoito o total de refugiados da ditadura salazarista na sede da representação diplomática brasileira. Trata-se do motorista Alfredo Martins e de Maximino Rosa Serra, irmão de Manuel Serra, detido por ocasião do frustrado golpe de Beja.

Solidariedade a Espanha e Portugal

AOS MOVIMENTOS PRO-ANISTIA PARA AOS POVOS DA AMERICA LATINA DE ESPANHA E PORTUGAL OS PRESOS E EXILADOS POLITICOS

Faz mais de dois anos que os povos da nossa América vem reclamando uma anistia geral e total para os presos e exilados de Espanha e Portugal. Os Governos de Franco e Salazar despreziam e provocam o clamor de anistia e liberdade de seus povos e os da América Latina e Europa dizendo que em seus países não existiam presos políticos e que o vasto movimento que representamos é promovido por manobras tenebrosas.

A verdade é bem diferente. Reflete-se no trágico cativo de centenas de homens e mulheres a que mantém enterrados vivos nos cárceres durante dezenas de anos; com o terror prendendo em vão contra as lutas reivindicativas e contra a tirania e pela liberdade que sustentam os povos de Espanha e Portugal; nas detenções, torturas e processos por tribunais militares especiais de homens de trabalho e de intelectuais condenados com crueldade, violando com o maior descaramento os direitos humanos e as normas jurídicas usuais por serem democratas e reclamarem as liberdades democráticas.

As conferências pró-anistia de São Paulo, Montevideo, Paris e Santiago do Chile recolhendo os sentimentos unânimes da opinião pública americana e europeia, além de dirigir-se aos governos de Franco e Salazar, apelaram para as Nações Unidas e para o Vaticano, solicitando sua benéfica intervenção junto a esses governos para requerer-lhe a promulgação de uma breve anistia que ponha fim ao prolongado drama que denunciamos: o termino da repressão político-sindical e o respeito, portanto, aos direitos do homem e do cidadão, reconhecidos por todos os governos.

Nossos apelos não surtiram até agora os efeitos urgentes que fazem falta para pôr cobro a um crime que dura há mais de vinte anos.

Ante a persistência dos governos ditatoriais de Espanha e Portugal, no crime de manter os presos políticos e sociais contra toda a lei, a repressão policial e a arbitrariedade jurídica, e não havendo encontrado na ONU o eco de justiça que merece esta nobre causa, a Mesa Executiva do Conselho Ibero-Americano Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal, apela para os trabalhadores, para os partidos políticos, para os escritores, artistas, estudantes, professores, jornalistas e para os Ordens dos Advogados, movimentos juvenis e feminino, e de forma especial para os legisladores e edis, a fim de impulsionar por todos os meios ao seu alcance, recorrendo aos processos mais eficazes, a luta pela breve execução dessa anistia, pelo término da repressão às actividades político-sindical e pelo término das leis e dos tribunais de execução.

Apela do mesmo modo para que seja prestada uma activa solidariedade à luta dos trabalhadores e dos povos de Espanha e Portugal, pelo direito de greve, de liberdades sindicais, de imprensa, de opinião e de reunião.

Os anseios de paz e liberdade dos povos irmãos da Península e o clamor solidário de nossos povos e de toda a opinião e progressista mundial não podem continuar sendo burlados por mais tempo pelos governos despóticos do Gen. Franco e Oliveira Salazar. Aos designios destes ditadores de mutuamente se ajudarem para esmagar pelo terror e até pela guerra a luta libertadora de seus povos e das colónias que opriem, toda a América Latina deve responder reclamando justiça para Espanha e Portugal, anistia para seus presos e exilados políticos e respeito aos direitos democráticos. Nossos povos devem responder prestando uma ajuda cada vez mais efectiva à luta que travam seus irmãos espanhóis e portugueses contra a tirania fascista, pela paz e pela democracia.

Pela Mesa Executiva do Conselho Ibero-Americano Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal.

Prof. CARLOS M. RAMA
Sec. Geral

Dep. Nac. LUIS HIERRO GAMBARELLA
Presidente

Montevideo, 20 de Março de 1962.

PAGINA 2

A PIDE prende e mantém incommunicaveis jornalistas, políticos e advogados

LISBOA, abril — Algum tempo depois da prisão de Antonio Poppe Lopes Cardoso, redator da "Seara Nova", a polícia invadiu a residência de Vasco Martins, redator da mesma revista, prendendo-o por "medidas de segurança". Pouco depois outro redator da revista, Hipólito dos Santos foi também preso e encontra-se, ainda, em regime de incommunicabilidade.

Além destas pessoas, a PIDE prendeu também Carlos Prazeres Ferreira, candidato a deputado na última farsa eleitoral, o dr. Bandeira de Lima, e mais os seguintes jornalistas: Carlos Veiga Pereira, Corregedor da Fonseca e Eng. Teixeira de Queirós.

Mulheres católicas protestam contra a repressão e reclamam anistia

Assinados por centenas de mulheres católicas portuguesas, de todas as camadas sociais, foram enviados ao atual Bispo do Porto, — Dom António Ferreira Gomes, continua no exílio... — e ao Presidente da chamada Assembléa Nacional, os seguintes telegramas:

Senhor Bispo do Porto:

Nós, mulheres católicas portuguesas, tendo tomado conhecimento de factos

que atentam contra a moral e a humanidade cristãs, vimos manifestar nossa inquietação e solicitar a intervenção de V. Reverendíssima, como a mais alta autoridade eclesiástica da diocese. Em nosso país, todo o mundo conhece a existência duma polícia política (PIDE), cujos métodos (os maus tratos e as torturas dos quais temos testemunhas e provas) foram já muitas vezes corajosamente denunciados por entidades católicas, isentas de posição política, e guiados unicamente pelos seus sentimentos de civismo e de fraternidade cristã.

De novo ouvimos horrorizadas informações sobre factos monstruosos, verificados em cada dia nas cidades onde há bitamos e nas ruas por que passamos.

É injusto! É contra os nossos princípios ficar indiferentes perante a violência! Não curamos de saber os ideais que os presos e perseguidos defendem. Apoiamo-nos exclusivamente no facto de que eles são seres humanos (espirituais e materiais) e não podemos tomar outra atitude senão a de condenar energeticamente os seus algozes.

Como católicos, pensamos ser nosso dever agir e por isso mesmo apolamos toda a acção considerada justa e eficaz. É com este espírito que nos dirigimos a Vossa Reverendíssima, na esperança de que vosso interesse por estes graves acontecimentos será uma preciosa contribuição a uma solução necessária e urgente.

Senhor Presidente da Assembléa Nacional:

Perante a onda crescente de prisões e as notícias alarmantes que as acompanham relativamente aos maus tratos infligidos aos prisioneiros políticos, entre os quais se encontram diversas mulheres, solicitamos a intervenção de V. Exa. junto ao governo para que tome as medidas necessárias à abertura de um inquérito sobre a situação dos presos políticos e a urgência da sua restituição à liberdade.

Apresentamos esta solicitação, porque consideramos que todo o ser humano tem direito ao respeito de seus semelhantes e à liberdade, pois só assim se pode formar um ser útil à sociedade.

PAGINA 7

INTENSIFICA-SE A AJUDA

Pintores brasileiros oferecem trabalhos, em solidariedade aos presos políticos portugueses

A comissão nacional de apoio à Conferência da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses continua a receber numerosas adesões de artistas dispostos a participar na exposição de trabalhos de pintores brasileiros que se realizará brevemente em Paris em benefício daquele humanitário conclave.

A Conferência, cujos trabalhos preparatórios estão muito adiantados, conta com o patrocínio de eminentes figuras da intelectualidade europeia, como sir Julian Huxley, J. M. Domenach, Daniel Mayer, Arthur Adamov, Vasco Pratolini, Giuseppe Ungaretti, Alberto Moravia, etc. A circunstância de estarem ligados à iniciativa críticos de arte de prestígio internacional, como Jena Cassou, contribui para a transformação da futura mostra brasileira em acontecimento artístico de grande relevo.

A recolha dos trabalhos está sendo orientada em São Paulo pelo escritor e crítico Geraldo Ferraz, que fará o catalogo da exposição a apresentação dos participantes. Entre outros, já ofereceram obras suas os pintores Fernando Odriozola, Iolanda Hohaly, Clóvis Graciano, Renina Katz, Hilda Weber, Acácio Assunção, Sergio Milliet, Isabel Lima e Silva, Barbosa, Fernando Lemos.

As ofertas devem ser comunicadas a Geraldo Ferraz, para o jornal "A Tribuna", em Santos, ou para Alexandre Pereira, R. Conselheiro Furtado, 191, tel. 37-0933 (depois das 19 horas).

Jornalista português oferece o "Premio Esso"

Por entender que, sendo português, a sua posição a bordo do "Santa Maria" envolveu muito mais o militante político do que o jornalista Miguel Urbano Rodrigues, contemplado com o premio Esso de Reportagem (regional), decidiu entregar a importância do mesmo premio ao Movimento Popular de Libertação de Angola e à Conferência da Europa Ocidental para a Anistia dos Presos Políticos Portugueses.

UM NOVO APELO CORRERA MUNDO



Esta mão, o este apelo, será visto muitas vezes, em muitos lugares pelos democratas portugueses.

APOIAR E AJUDAR A PRIMEIRA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL.

Enviai adesões, donativos ou quaisquer outras contribuições para a Rua Conselheiro Furtado, 191, S/2, Caixa Postal 4469 — S. Paulo.

PAGINA 4

Não clamareis em vão!

Mais uma carta de uma patriota portuguesa. Mais um relato das bestialidades cometidas pelos sicários de Salazar contra mulheres indefesas, nos cárceres da PIDE.

Tenho 32 anos. Desde os 22 que, por muito amor à minha Pátria, sou perseguida pelo atual regime político.

Quando estudante da Faculdade de Letras de Lisboa, fui presa duas vezes. Porquê? Por que as minhas mãos levaram flores para os mortos da guerra, flores que queriam dizer Paz, por que a juventude portuguesa se juntou nas ruas de Lisboa a clamar Paz! Em fevereiro deste ano de 1961 fui de novo presa pela PIDE por que em Portugal é proibido lutar por mais pão, mais cultura, um lar confortável, uma vida alegre, digna e feliz. E estes são os anseios dos homens e mulheres do meu País. E' este o "crime" por que há cerca de três anos não vejo o meu marido, nem lhe posso escrever sequer — ele encontra-se também por detrás das grades fascistas, no Forte de Peniche.

E é este o "crime" pelo qual acabo de sofrer na polícia de Salazar: torturas físicas e morais: 80 horas ininterruptas sem dormir (tortura do sono), seguidas, dias depois, de mais 94 horas, brutalmente insultada por agentes e inspetores da PIDE, como Fernando Gouveia e Rosa Casaca, em aspectos sagrados da minha dignidade de mulher, cidadã, esposa e mãe. Durante 20 dias incommunicável, sem poder mudar de roupa, sem os mais elementares artigos de higiene, sem nem sequer poder ler um jornal diário apesar de já visado pela Censura; sem lapis nem um bocadinho de papel. Na incommunicabilidade é isto: nada, nada que não seja contacto com os carcereiros e a PIDE. Estou presa por amor ao povo, porque não sou miope e tenho coração e cérebro.

Aqui, no Forte de Caxias, sujeita a restrições, a arbitrariedades de requinte, premeditadamente desumanas, material e psicologicamente cruéis, não posso beijar meu filho de cinco anos de idade nem minha velha mãe de 70 Gestos naturais de carinho têm de ser recalçados. conversas íntimas estancadas, porque no parlatório as redes e a distância nos separam da família e um guarda escuta-nos de perto e ostensivamente.

A minha vida intelectual está sujeita às normas obscurantistas e reacionárias do regime —

o fascismo tem medo dos poetas, dos historiadores imparciais, de todos os que falam de Paz, Progresso e Amor. Até livros de estudo relacionados com a minha profissão me são proibidos.

Após nove anos de vida clandestina, também a minha saúde não é das melhores: sofro de aperto mitral e de avitaminose. Com o regime prisional de constante sobressalto, de permanente tensão nervosa pela repressão que sobre nós pesa e que vem sendo concretizada com pesados castigos e pela mais deficiente alimentação, está criado todo o ambiente para que a minha saúde se agrave. O aniquilamento físico dos presos políticos é de resto um objetivo claramente visado pelo fascismo salazarista. Mas no meu coração não morre a esperança. A noite tem estrelas e a alvorada é inevitável. O Povo Português conquistará a sua libertação. A mulher portuguesa cantará a Alegria, a Paz e o Amor; juntará a sua voz à de milhões de outras mulheres livres e felizes.

a.) Fernanda Paiva Tomás

Telegrama da UOP

A "Unidade Democrática Portuguesa", enviou ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Chanceler San Thiago Dantas, a propósito da sua anunciada escala por Lisboa, o seguinte telegrama:

"MINISTRO RELAÇÕES ESTERIORES BRASIL
EMBAIXADA BRASIL
LISBOA

EXCELENCIA
PORTUGUESES DEMOCRATAS
BRASIL ENSEJO PASSAGEM
VEXA LISBOA SOLICITAM RESOLUÇÃO PROBLEMA ASILADOS EHBAXADA GOVERNO ANTI DEMOCRATICO SALAZAR PRETENDE MANTER SEQUESTRADOS CONTRARIANDO DIREITO ASILO RECONHECIDO GOVERNO ET POVO BRASILEIROS

UNIDADE DEMOCRATICA
PORTUGUESA

PAGINA 5

Problemas da Oposição

Tito de Morais

... É preciso ganhar todas as forças democráticas para a ideia de que devem continuar a reforçar a sua unidade, que devem realizar um gigantesco trabalho de organização, que devem impulsionar com decisão e energia a luta popular de massas...

Esta frase extraída dum artigo do Dr. Alvaro Cunhal, sintetiza uma preocupação dominante da Oposição Portuguesa, que considera essencial a estruturação das forças democráticas num organismo único, coordenando todas as ações preparatórias do grande movimento à escala nacional, que derrubará o fascismo em Portugal.

Todas as correntes democráticas estão hoje integradas nas Juntas de Acção Patriótica e aquela opinião vem sendo defendida por todos os representantes dessas correntes, especialmente através do órgão da imprensa das JAP, "Tribuna Livre".

Este apelo tem sido compreendido pelos democratas portugueses que aderem em massa às Juntas Patrióticas, compreendendo que qualquer coisa de novo se passa no campo da luta anti-fascista.

Ninguém acredita hoje na possibilidade de se derrubar o Salazarismo por meios pacíficos, chamados legais, nem pelo descredito interno e externo das instituições.

Já não encontra advogados, a tese — que por muito tempo limitou a ação dos opositoristas — que defendia a necessidade de se "não pisar o risco" e de "lutar pela legalidade". São concepções de luta obsoletas que deram sem vida os seus frutos e que se integram nas condições ao tempo existentes, mas que deixaram de ser válidas no momento actual.

A adesão entusiástica dos democratas às JAP, verifica-se porque se abriram novas perspectivas de luta ao levarem-se a cabo nestes últimos meses ações de extraordinária importância para a luta final, das quais se podem destacar as manifestações do Porto, a sublevação de Beja e mais recentemente as lutas estudantis.

O Povo sabe que Salazar só compreende uma linguagem: a força. E pela força que o derrotará e para isso se prepara.

Frente à organização Salazarista está hoje criada uma organização democrática, que integrando todas as forças anti-salazaristas, procura no Povo a sua base de luta. Constrói-se assim uma força contra a qual não haverá poder militar ou policial capaz de se opor.

Mas para abreviar a queda do regime Salazarista há que examinar em toda a profundidade a natureza das bases em que se apoia, para podermos atacar todas e simultaneamente.

Salazar para se manter no poder criou uma estrutura interna militar-policial e conseguiu um apoio internacional alienando os interesses nacionais que cedeu ao capitalismo estrangeiro. É toda a engrenagem que se torna necessário destruir, para restaurar no nosso país as liberdades democráticas de que há tantos anos o Povo Português foi despojado.

Pretender combater a forte estrutura militar-policial Salazarista com golpes individuais ou mesmo de grupo, desligados das massas, é pura utopia que só pode fortalecer o regime e prejudicar a verdadeira luta nacional.

Pretender anular o apoio internacional que Salazar recebe, por ações desligadas que não obedecem a um plano de conjunto, não é menos utópico nem menos prejudicial.

A luta interna encontrou a sua linha de rumo, os democratas que vivem no estrangeiro têm que se integrar na mesma luta, que é uma só.

Atualmente os que vivem fora das fronteiras portuguesas, encontram-se dispersos, formando vários grupos — muitas vezes mais do que um mesmo país — sem manterem praticamente nenhuma ligação entre si e muito menos ainda com a Oposição organizada em Portugal.

A atuação dos Opositoristas no estrangeiro faz-se assim sentir

mais ou menos esporadicamente, sem método, sem disciplina, sem eficiência e portanto quase todo o seu esforço se perde no tempo faltando-lhe inclusivamente a noção exata do objetivo próximo ou longínquo que pretende atingir.

Parece-me pois, chegado o momento de rever também a atuação da emigração política dentro do conjunto democrático nacional. Precisamos criar novos e mais eficientes processos de atuação que nos permitam levar ao Povo Português o apoio político e financeiro substancial de que ele carece e que estamos em condições de lhe assegurar.

Precisamos também nós, os do exterior, responder ao apelo de unidade e de organização que nos é lançado, para também nós ajudarmos a impulsionar com decisão e energia a luta popular em Portugal.

Precisamos organizar-nos em cada país, à imagem do que existe em Portugal, ligando de forma permanente todos os núcleos de democratas existentes no estrangeiro e estes com as JAP, colocando-nos sob a orientação única da Junta Central.

Impõe-se assim, que nos organizemos em cada país onde existam democratas ativos, que unamos todas as nossas forças para podermos auxiliar o ataque final, que força nenhuma poderá deter.

Sincronizemos os nossos esforços, no estrangeiro e com os do interior, formando uma organização de comando único que aumentará a eficiência da nossa ação.

Mas isto não será tudo. É preciso colher e saber utilizar os frutos das lutas preparatórias. Mobilizar a opinião de um país a nosso favor, é muito, mas todo o esforço se perde se não existir um organismo central coordenador que saiba e possa aproveitar para a luta final o trabalho realizado.

A nossa tarefa actual apresenta-se a meu ver, bem clara:

Organizar as nossas forças no exterior unindo todas as correntes políticas.

Unidade de Acção Declaração Conjunta

De 17 a 20 de Abril de 1962, estiveram em São Paulo (Brasil) os srs. D. Maria Luisa da Silva Neves e Joaquim Lopes Mendes respectivamente Presidente e Secretário-Geral da Agrupação dos Portugueses Democratas do Uruguai e também, por delegação, da Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela e do Comité de Portugueses Democratas de Mar del Plata (Argentina).

Em reunião com a Comissão Executiva da Unidade Democrática Portuguesa do Brasil, analisaram problemas relacionados com as tarefas da Oposição Portuguesa no exterior e as situações próprias dos núcleos de portugueses exilados nos respectivos países e, em consequência, foi resolvido tornar pública a seguinte DECLARAÇÃO CONJUNTA:

— Verificam, com júbilo, que o heróico povo português, na luta sem quartel que trava há perto de 36 anos contra os as forças do fascismo, continua mostrando uma esplêndida combatividade, traduzida nos últimos meses por lutas estudantis e operárias, o que é garantia segura de que muito em breve serão restauradas as liberdades fundamentais em Portugal;

— Consideram ser da obrigação dos núcleos de democratas portugueses emigrados auxiliar por todas as formas a luta dos anti-fascistas que na Pátria, através da acção unitária das Juntas de Acção Patriótica, prosseguem o combate ao salazarismo, para o que não deverão ser poupados esforços no sentido da obtenção de todo o auxílio material e moral, nomeadamente em prol da Anistia e da cessação imediata da guerra colonial de Angola, por parte dos portugueses fixados na América do Sul e da opinião pública dos povos amigos do Uruguai, Venezuela, Argentina e Brasil;

A vitória dos Estudantes

Os estudantes de Lisboa acabam de alcançar uma grande vitória. Dentro do processo de realização que dia a dia toma forma em Portugal, atingindo todas as classes, a atitude dos universitários de Lisboa assume uma significação tanto maior quanto, pelas circunstâncias em que se desenrolou, a greve, surge como símbolo do indomável espírito de resistência que hoje leva a juventude portuguesa a opor-se ao apodrecido fascismo salazarista em todos os terrenos e a todo o momento.

Vão longe os tempos em que a mocidade estudantil, apesar da coragem e da lucidez de alguns dos seus líderes, não constituía motivo de preocupação para o ditador. Hoje tudo mudou. A consensualização do drama nacional levou os estudantes de todo o país a uma participação directa e constante na luta contra o regime. A valiosa experiência colhida e, sobretudo o aperfeiçoamento incessante de novas formas de organização adequadas a uma vida associativa anormal tornaram possível a tremenda derrota infligida ao ditador. Pela primeira vez, em trinta e cinco anos, o regime baixou bandeira, confessou-se incapaz de impedir que uma greve política alcançasse os seus objetivos. Porque convém acentuar — e Salazar é o primeiro a não alimentar ilusões a respeito — tratou-se de uma greve política, de um desafio lançado à desconjuntada máquina da ditadura. Ninguém se iludiu com o significado das reivindicações. As solenidades do "Dia do Estudante" não passaram do pretexto. Não foi para verem reconhecido o direito de se reunirem em um almoço de

confraternização que os universitários de Lisboa enfrentaram com bravura o aparelho policial do regime, cujas brutalidades (os hospitais encheram-se de estudantes feridos) revoltaram o País. Não. Foi para significarem a todo o povo português que o dia da Libertação está bem próximo, para provarem a si próprios e a todos os colegas espalhados pelo País que o ditador pode ser derrotado e a sua polícia ridicularizada, para lembrarem aos camponeses, aos operários, aos funcionários, à pequena burguesia aos soldados do contingente que a organização e a unidade são condições imprescindíveis para a vitória contra o inimigo comum. A essa admirável unidade se deve a paralização geral das aulas e a consequente adesão dos professores, quando o Conselho Universitário se capacitou de que à parede era total.

Os desesperados esforços que a propaganda fascista faz agora para denunciar a greve como comandada de Moscou e insinuar que existe divisão nas fileiras estudantis são simplesmente grotescos. Os fatos, na sua eloquência muda aí estão a ridicularizar as teses do sr. Marcello Caetano e outros famulos do velho ditador.

A História ensina-nos que não há revolução possível de que os estudantes não participem. Na atual fase da luta contra o fascismo português, estava justamente a faltar um acontecimento semelhante para dinamizar todo o processo preparatório da insurreição nacional — única saída para a derrubada do regime que oferece perspectivas democráticas. L. C.



Durante as manifestações estudantis em Lisboa, grupos de jovens distribuíram centenas de exemplares do "AMANHÃ", jornal clandestino da Junta Patriótica da Juventude, cujo editorial anunciava em grandes letras: TEMOS DE NOS ORGANIZAR, JOVENS! A polícia efetuou numerosas prisões

A energia elétrica ... e o imperialismo

O jornal "República" publicou em 8 de fevereiro a notícia que transcrevemos:

Não obstante a generalização que se vai fazendo da energia eléctrica, levada pelos fios de alta e baixa tensão até às aldeias populações, parece que muitas pessoas das cidades ainda ignoram — ou simplesmente põem em dúvida — o alto poder da electricidade. E isto mesmo se pode deduzir da leitura da local que abaixo transcrevemos, com a devida vénia, e que apareceu a nossos olhos sob o título interrogativo: — "Será verdade? — Os lucros das empresas fornecedoras da energia eléctrica no País".

— Durante o ano de 1960, a Hidroeléctrica do Cávado, que tem,

de capital 710 mil contos, teve de lucros 94.051 contos; as Companhias Reunidas Gás e Electricidade de Lisboa, com um capital de 101 mil contos, arrecadaram ... 70.745 contos; a Hidroeléctrica do Alto Alentejo, cujo capital é de 33 mil contos, ganhou 55.880 (quase o dobro do capital em lucros!!!); a Hidroeléctrica do Norte de Portugal, com 25 mil contos de capital, embolsou 41.852 contos (também quase o dobro); a Hidroeléctrica do Zêzere teve de lucro 54.930 contos; a Companhia Eléctrica das Beiras, 19.451 contos; a Hidroeléctrica da Serra da Estrela, 21.942 e a Companhia Nacional de Electricidade, 24.483 contos.

O valor percentual dos lucros, enormes em relação ao capital, tem uma explicação que o jornal "República", por ter o visto da censura salazarista, não se arriscou a dar. As obras e instalações das grandes companhias eléctricas foram financiadas, pagando juros ridículos, com o dinheiro das "caixas de previdência".

Quem pagou foram os trabalhadores, quem tira os lucros são naturalmente os acionistas.

Apelo

A camaroteira Laura, do "Santa Maria", asilada no Brasil desde o episódio da tomada daquele transatlântico, encontra-se em situação extremamente difícil. Tendo cego de ambas as vistas, não pode trabalhar e não dispõe de quaisquer recursos. Os democratas que desejarem ajudá-la podem enviar seus donativos para a nossa Redacção.

A repercussão no Brasil

As greves estudantis decorrentes da proibição do "Dia do Estudante" e que acabaram por se transformar em admirável vitória contra Salazar e sua polícia, tiveram a maior repercussão no Brasil. Dos muitos comentários publicados a respeito na imprensa brasileira transcrevemos um: o artigo de Paulo Silveira, inserto em "Última Hora" sob o título "Os estudantes enfrentam a tirania salazarista"

Desenrola-se em Portugal mais um capítulo da patriótica resistência do povo à Ditadura salazarista. Agora são os estudantes de Lisboa, unidos contra a intervenção policial em suas associações de classe e na própria administração universitária — e com coragem e decisão repondem aos ataques da Secretaria Nacional de Propaganda que, como sempre, os identificam como "perigosos agentes comunistas". Naturalmente, a censura salazarista impede que os jornais do mundo recebam informações completas sobre os acontecimentos de Lisboa. Sabe-se, porém, que, em manifestação à Nação, os estudantes desafiam o poder policial do Estado para reivindicar o direito de livremente comemorarem o Dia do Estudante a libertação imediata dos companheiros presos pela PIDE e o respeito ao "luto académico", outra forma de protesto contra o terrorismo acionado pela Ditadura contra o povo português.

Na verdade, o regime salazarista vive os seus instantes derradeiros. Ontem, eram os jovens intelectuais católicos que se erguíam para denunciar os desmandos e as violências cometidas pela polícia de Salazar contra as liberdades públicas. Logo a seguir, manifestavam-se com oposição à Ditadura importantes setores das próprias Forças Armadas, culminando o movimento no assalto a instalações militares no Porto. Em breve, e é provável que Salazar já esteja convencido da verdade, terá todo português de pé para a reconquista das franquias democráticas.

É natural que, do Brasil, estejamos a acompanhar com emoção o bom combate que os jovens universitários lisboetas sustentam contra a Ditadura. É que, para o Brasil, que tem como missão e dever preservar uma cultura comum aos dois países. Portugal não poderá sobre-viver, no mundo de amanhã, se não libertar-se agora de uma tirania que anula ou enxovalha as suas melhores tradições de civilização. A extinção do regime salazarista reaproximará Portugal do Brasil, e ambos, projetando sua influência sobre uma África também emancipada do jugo colonialista, poderão cumprir com eficiência a relevante tarefa de enraizar e fortalecer, nas jovens repúblicas africanas que surgirão ao fim do regime colonialista português, o sentimento, a tradição e a cultura lusas.

A ideia de liberdade, a consciencia dos direitos democraticos e o reconhecimento dos valores morais e políticos só se sedimentam no espirito de um povo através de sacrificios e desprendimentos patrióticos. Pode-se dizer que os universitários de Lisboa estão cumprindo a sua parte neste processo de criação da nova mentalidade que, em breve, mostrará ao povo português o caminho certo para a derrocada da Ditadura. E a História recolherá os seus nomes e registrará o seu exemplo — como lições de dignidade e amor à patria.

O 1º de Maio em Portugal

Os operários e os estudantes empunham a bandeira da liberdade

O 1º de Maio foi em Portugal uma jornada revolucionária. Numa demonstração impressionante de que a verdadeira unidade se forja na ação, as massas vieram para a rua em gigantescas manifestações, desafiando as proibições oficiais. Não foi ainda a insurreição nacional generalizada que libertará o País do fascismo salazarista e derrubará a oligarquia, abrindo caminho para uma solução popular e progressista. Mas o ensaio foi excelente. No calor da luta, estudantes, operários e camponeses sentiram-se mais do que nunca solidários. Desarmados, enfrentaram com comovedora coragem a PIDE a GNR e o Exército. Em Lisboa, em Cacilhas, na Cova da Piedade, no Porto, nas Minas de Aljures, para citarmos apenas os choques mais importantes, o panorama foi semelhante. O protesto, o NAO da juventude e dos trabalhadores foi geral, estendeu-se a todo o País. Por isso não destacamos este ou aquele episódio. Seria uma injustiça. Houve dois mortos no Porto e um em Lisboa, mas estudantes, operários e camponeses, todos tiveram dezenas de feridos. E apesar das metralhadoras, dos cavalos, da tremenda desigualdade da luta, o aparelho de repressão fascista não se saiu sem baixas.

A luta heroica do povo português no 1º de Maio teve, como era de esperar a maior repercussão em todo o mundo. E particularmente no Brasil. Tanto, que os estudantes e operários brasileiros organizaram para o dia 11 do corrente uma jornada nacional de solidariedade aos seus companheiros de Portugal, com atos públicos em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Recife.

A PIDE recua ante os estudantes

A atenção da opinião pública mundial volta a fixar-se sobre o problema político português. Apesar dos esforços da censura da PIDE, as agências de informação internacionais, em breves notícias, dão conhecimento ao mundo da revolta dos estudantes portugueses, impedidos pela força brutal do aparelho repressivo salazarista, de comemorar o "Dia do Estudante". Informações recentemente recebidas de Portugal permitem-nos fazer um relato mais objectivo dos acontecimentos e que nos dá uma

Perante estas arbitrariedades e violências o Reitor e a maioria dos Professores solidarizavam-se com os estudantes exigindo a libertação dos que tinham sido presos, a retirada da polícia dos recintos da Universidade e convidaram professores e alunos a se reunirem num restaurante próximo da Cidade Universitária.

Quando os estudantes se dirigiam, em massa, para o local da reunião marcada pelo Reitor, a polícia investiu, de novo, contra



Contra as prepotências salazaristas os estudantes triunfam. (Foto dumha concentração estudantil quando da luta vitoriosa contra o Dec. 40.900 destinado a suprimir as liberdades associativas).

ideia mais exata sobre as recentes greves registradas nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto.

Na madrugada do dia 24 de Março p.p., a Cidade Universitária de Lisboa foi ocupada por centenas de policiais das "brigadas de choque", armados de metralhadoras, a fim de impedir a realização dos colóquios culturais e do banquete de confraternização, integrados nas comemorações do "Dia do Estudante".

Esses atos públicos haviam sido programados com autorização do Reitor, Prof. Marcelo Caetano (ex-Ministro da Presidência do Governo de Salazar). As Associações Estudantis tinham convidado inclusive o Ministro da Educação para assistir aos mesmos.

Entretanto, as numerosas delegações das Academias de Coimbra e Porto eram vítimas da repressão policial, o que as impediu de chegar a Lisboa.

Mas a brutalidade dos policiais de Salazar não ficaria por aqui. Na Cidade Universitária, invadiram várias Faculdades, onde os estudantes se haviam concentrado, e graves incidentes se registraram de que resultou a hospitalização e a detenção de dezenas de jovens de ambos os sexos.

os milhares de estudantes, tendo ferido gravemente algumas centenas.

Apesar de massacrados, os universitários portugueses não se deixaram vencer. Reagiram corajosa e organizadamente à repressão e provocação fascista.

O "luto académico", já então em vigor na Universidade de Lisboa, foi decretado nos restantes centros universitários do país e os estudantes do Porto decidiram entrar também em greve geral, exigindo a demissão do Ministro da Educação e o atendimento imediato das reivindicações estudantis.

Estes acontecimentos, causaram a mais viva indignação nos círculos estudantis internacionais, tanto mais que as reivindicações dos estudantes universitários portugueses — embora se enquadrem no contexto geral da luta do Povo Português pela conquista das liberdades democráticas — se encontravam isentos de qualquer cunho partidário ou político.

Os protestos que a seguir transcrevemos, são testemunho dessa indignação e da simpatia que os corajosos estudantes portugueses conquistaram em todo o mundo para a sua luta de que sairão vitoriosos.

Solidariedade dos democratas do Porto

Assinado por 162 democratas portugueses de todas as tendências foi enviado ao Presidente fantoche Americo Tomás o seguinte telegrama, que uma vez mais comprova a coragem e combatividade da gente do Porto:

Senhor Presidente da Republica Excelência

Familiares amigos e compatriotas dos estudantes universitários portugueses indignados com as caluniosas notas publicadas e violência empregada para tentar reprimir o que é uma afirmação de maturidade cívica e garantia de continuidade nacional, reclamam imediata suspensão todas medidas repressivas e satisfação das reivindicações estudantis.

Protestam os Universitários Brasileiros

Em solidariedade aos seus colegas portugueses, dirigiu o Centro Académico "XI de Agosto" ao Ministro de Educação de Portugal o seguinte protesto contra a repressão policial durante as manifestações do "Dia do Estudante".

"O Centro Académico "XI DE AGOSTO", órgão representativo dos universitários brasileiros da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

CONSIDERANDO:

que por ocasião da comemoração do tradicional "Dia do Estudante" na Universidade de Lisboa, foram praticadas violências atentatórias à dignidade humana;

que, não obstante, o consentimento para essas comemorações, a polícia, violou o pacto entre as autoridades e os estudantes;

que, em virtude dessa violação muitos estudantes foram e continuam encarcerados às ordens da Polícia Política Portuguesa (PIDE);

vém, à presença de V. Exa., solicitar medidas que levem à libertação imediata de todos os estudantes presos, que garantam o respeito à dignidade universitária e que permitam a liberdade de reunião e associação dos universitários portugueses, princípio inconfundível defendido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem.

SAUDAÇÕES ACADEMICAS
LÉO PASTORI
Presidente

NA EUROPA

TELEGRAMAS ENVIADOS PELA UNIONE GOLLIARDICA ITALIANA (Associação estudantil italiana) a propósito da luta dos estudantes portugueses (7 de Abril de 1962)

EMBAIXADA DE PORTUGAL, Via Flaminia 491

Estudantes democráticos italianos UGI exprimem indignado protesto por repressão policial contra legítimas reivindicações estudantis portuguesas STOP exigimos imediata libertação estudantes e professores presos e anistia geral todos os prisioneiros políticos Margheri Presidente UGI

UNIAO ESTUDANTES PORTUGUESES FRANÇA c/o UNEF 15 Rue Soufflot Paris 5 França

UNIONE GOLLIARDICA ITALIANA exprime plena solidariedade estudantes democráticos italianos com luta estudantes portugueses por completa autonomia suas organizações e constituição união nacional comunica o protesto junto embaixada portuguesa Roma contra repressão PIDE e prisões e ter exigido libertação prisioneiros políticos

Viva solidariedade Estudantil Internacional

Vivam todos os estudantes que lutam contra o fascismo.

Margheri Presidente UGI

A moção de Roma

Durante a Reunião Internacional pela Libertação do Povo Espanhol, realizada em Roma a 13 e 14 de Abril, o Prof. Aldo Garosci propôs a aprovação de um energético protesto contra as violências salazaristas, ao mesmo tempo que se solidarizava com a luta dos estudantes portugueses.

Transcrevemos na íntegra a moção aprovada:

Acabamos de ser informados de que o governo de Salazar dissolveu as Associações de Estudantes em Portugal, como represália contra as greves reivindicativas em que desde há um mês está empenhada a quase totalidade dos estudantes das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto.

As Associações de Estudantes criadas graças à luta persistente e unida dos estudantes portugueses, representam um baluarte contra o controle fascista da Universidade e o elemento mais possante para a conquista das liberdades académicas.

Esta notícia vem a seguir a um vasto movimento de repressão feito com vista a quebrar a luta antifascista na Universidade, luta essa que no fundo é um dos aspectos da luta mais larga em que está empenhado todo o povo português.

Nós, anti-fascistas aqui reunidos, protestamos energeticamente contra esta nova violência de Salazar e solidarizamos-nos com a luta corajosa dos estudantes pela Liberdade e Democracia em Portugal.

Este texto foi assinado por: Jules Moch — Antigo Primeiro Ministro (França)

M. Germaine Picard-Moch — Jurista (França)

Claude Bourdet — Conselheiro Municipal, Diretor do Jornal "France Observateur" (França)

Vitorio Vidali — Deputado (Italia)

Manuela Sykes — Publicista (Do Partido Liberal Inglês)

Erik Varley — das Trade Unions (Inglaterra)

Pablo Neruda — Poeta (Chile)

Elena Clementeri — Escritora (Italia)

Luis Bossay Lelva — Senador (Chile)

Antonio Nunes Gimenez — Presidente da Academia das Ciências (Cuba)

Riccardo Lombardi — Deputado (Italia)

Ernesto Rossi — Senador (Italia)

Velko Vlahovic — Deputado (Yugoslavia)

Giancarlo Pajetta — Deputado (Italia)

Julio Alvarez del Vayo — Antigo Ministro (Espanha)

Henri Rolin — Senador (Bélgica)

Francesco Scotti — Senador (Italia)

Radio Portugal Livre

EMISSOES EUROPEIAS

Através de cartas chegadas de Portugal subemos, com grande gaudío, do funcionamento da "RADIO PORTUGAL LIVRE". O horário das emissões é das 14 e 10 às 14 e 40 nas ondas de 25,31 e 32 metros, e em 31 M das 21 e 15 às 21 e 40, horas de Lisboa.

Este será mais um eficaz órgão, liberto da censura salazarista, ao serviço do Povo Português.

Endereços de Assinantes

PORTUGAL DEMOCRATICO

Rua Conselheiro Furtado, 191 São Paulo, Brasil

DIRETOR RESPONSÁVEL

Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDAÇÃO

Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Manuel Sertório, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Neves, Francisco Lopes, Manuel Ferreira Moura.

SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Praça 11 de Junho, 356 — Telefone: 43-5110

REPRESENTANTES

FORTALEZA: Dr. Carlos d'Alge — Rua Senador Pompeu, 832 — Fortaleza — Ceará

CAXIAS: Manuel da Costa (Maneca) — Caixa Postal, 114 — Caxias (Estado do Rio)

BELO HORIZONTE: Virgolino Pereira Vilhena — Rua Rio de Janeiro, 390 — sala 304 — Caixa Postal 24 — Belo Horizonte — (Minas Gerais)

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro 312 — Pelotas Rio Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, nº 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia).

INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (CPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

CANADÁ: Comitê dos Portugueses Democratas do Canadá — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

ARGENTINA — Joaquim dos Santos — Calle de Los Llanos, 1790 — DOCK SUR — Avellana — Buenos Aires

URUGUAI — Agrupação de Portugueses Democratas — Colônia 1.013 — P. 7 — Montevideo

CHECOSLOVÁQUIA: Manuel Nunes — Konevova, 160 — Ziskov — Praha —

UNIÃO SUL-AFRICANA: J. Sarmento — P. O. Box 3314 — Johannesburg

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas

Sábados: das 15 às 19 horas

Numero avulso: Cr\$ 10,00

Assinatura anual: Cr\$ 300,00

Assinatura especial: Cr\$ 500,00

Ass. p/ o Exterior: U.S. 5,00

Ano VI — N.º 60 — Maio de 1962

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.